Breve estudo crítico-biográfico

João Gaspar Simões

I

MUITO CONHECIDO em Portugal e Brasil como autor de uma doutrina que em verdade conquistara adeptos em todo o mundo, o Conde Leon Tolstói não gozava entre nós de grande popularidade como artista. Traduzido e comentado, o Tolstói que portugueses e brasileiros conheciam e admiravam era o profeta do tolstoísmo, espécie de religião laica, baseada nos Evangelhos, mas tanto ou tão pouco ortodoxa que alguns dos seus livros doutrinários estavam no índex da própria igreja russa. Tinham-na adotado os livres-pensadores e a sua moral de não-violência partilhavam-na quantos acreditavam na bondade inata do homem e no advento de uma era em que a Humanidade viveria unida como uma grande família, banido o mal da terra. E assim, lendo e admirando a *Ressurreição, A sonata a Kreutzer* e as suas obras propriamente doutrinárias, portugueses e brasileiros pareciam ignorar que Leon Tolstói escrevera livros alheios aos grandes ideais humanitários e que as suas obras-primas se encontravam precisamente entre aqueles dos seus escritos em que não comparecia a doutrinação moral ou religiosa.

É certo que não foi Tolstói, mas Dostoiévski, o escritor russo que primeiro ganhou audiência nos países de língua portuguesa. À volta de 1920 principiavam a traduzir-se em França, pela primeira vez em versões integrais, os grandes romances do autor de *Os irmãos Karamazóv,* e a crítica francesa consagrava a este demiurgo da literatura eslava uma atenção tanto mais apaixonada quanto é certo os seus livros terem criado no Ocidente uma verdadeira escola literária. A leitura de Dostoiévski, porém, determinou dentro de pouco, entre nós, uma corrente de simpatia por toda a literatura russa e o escritor que maior entusiasmo ia despertar, depois do romancista de *Os possessos,* seria, precisamente, Leon Tolstói.

Dividiram-se as opiniões. Havia quem considerasse Dostoiévski inultrapassável e não faltava quem lhe opusesse o gênio de Tolstói, sustentando que viria a ser mais duradouro, uma vez que mais clássico. De fato, enquanto o gênio do primeiro explorava zonas de personalidade nunca visitadas pela literatura, o do segundo mantinha-se a um nível de observação em que havia muito desse respeito pela inteireza do caráter e a unidade do complexo humano patente nos mais velhos documentos literários das nações ocidentais. No entanto, esgotada que foi a curiosidade juvenil dos que haviam bebido no autor de *O eterno marido* algo de que andavam sequiosos – esse mesmo amor das inconseqüências e dos pélagos psicológicos, timbre do extraordinário escritor – principiou

a leitura mais atenta desse outro gênio que parecia menos profundo, apenas por ser, em verdade, mais claro. E foi assim que as suas obras capitais – *Infância, Adolescência, Juventude, Felicidade conjugal, Ana Karenina,* os seus numerosos contos e sobretudo a sua esmagadora *Guerra e Paz* – vieram a ser revelados a numerosos leitores que pouco mais sabiam de Tolstói que o que lhes fora dito pelos tolstoianos, isto é, os discípulos do homem que a partir de certo período da sua vida renegara por completo a sua obra de artista admirável.

Muitos anos teriam de decorrer ainda antes que o grande público viesse a reconhecer quão injusto fora para um escritor que valia muito mais como romancista que como inventor de uma bela e utópica religião. E, se se multiplicaram as traduções das suas obras menores, conservou-se inédita, na nossa língua, aquela sua *soma* literária que em todos os países cultos, gozava da reputação indiscutível do mais importante monumento da literatura de ficção de todos os tempos.

Só à volta de 1940 apareceram, de fato, em língua portuguesa as primeiras traduções da *Guerra e* Paz, e foi ainda por sugestão da hora bélica que o mundo então atravessava que os nossos editores ousaram dar à estampa as primeiras versões da obra-prima de Leon Tolstói.

II

CONHECEM-SE HOJE, detalhadamente, as fontes desta grande obra, e o mais extraordinário é que *Guerra e* Paz, conquanto se inspire num fato histórico e tenha de ser considerada a epopéia da resistência russa ao poder de Napoleão, nem por isso deixa de refletir muito de perto circunstâncias de tal modo relacionadas com a vida de Leon Tolstói que já houve quem dissesse não haver no romance uma única figura que não tenha por modelo pessoas que ele conheceu.

Se a "guerra" se documenta em fatos históricos e Tolstói escrupulizou em manter a sua ficção quanto possível ao nível da realidade, a "paz" estudou-a ele junto dos que estavam perto de si, e a vida das suas personagens, posto enredada em circunstâncias diretamente relacionadas com uma época anterior, no fim de contas é a sua própria vida, a vida da família russa, tal como ele a conheceu e tal como a observou.

Não é esta, realmente, a menor virtude de uma obra que, ao contrário dos romances de Dostoiévski, congeminados por um gênio visionário, assenta numa realidade social tanto mais verdadeira quanto mais rigorosamente analisada nas suas manifestações quotidianas.

Tolstói escreveu *Guerra e Paz* no período da sua vida mais solidamente estabilizado. Estava casado e era feliz. A mulher colaborou diretamente no trabalho, e o romance, esses milhares de páginas, foi ela

quem o copiou para cima de uma dezena de vezes. Obra de maturidade, *Guerra e* Paz é também obra de prosperidade. Embora não muito abastado e tivesse conhecido na mocidade reveses financeiros de alguma gravidade, Leon Tolstói nunca soube o que era escrever de afogadilho na angústia de cumprir, junto de editores zelosos do seu dinheiro, contratos que envolviam prazos e pressupunham dívidas contraídas para acorrer a inadiáveis necessidades materiais. Tchekhov ou Dostoiévski é que sabiam o que isso era.

Nascido no seio de uma grande família, Leon Nikolaievitch Tolstói, que veio ao mundo, numa aldeia da província de Tula, em Iasnaia Poliana, a 28 de agosto de 1828, descendia de príncipes e generais. E posto a mãe tivesse morrido contava ele apenas dois anos, e o pai lhe faltasse cedo também, sempre encontrara à sua roda quem o acarinhasse e o instruísse, destinando-o a cumprir na sociedade missões apenas reservadas nesse tempo, no império russo, às famílias de casta fidalga.

Tatiana Aleksandrovna Ergolskaia, velha parenta dos Tolstói, que ficara solteira, eis quem, por assim dizer, serve de mãe a Leon Nikolaievitch Tolstói depois da prematura orfandade. Não foi preciso que os biógrafos estudassem este período da existência do escritor. Ele próprio encarregou de no-lo contar numa das suas primeiras obras. *Infância* se intitula essa narrativa, depois seguida da *Adolescência* e *Juventude.* E essas três histórias não escondem o caráter desveladamente autobiográfico. Assim podemos conhecer de muito perto não já apenas o encadeamento anedótico de uma infância adentro de família numerosa – três irmãos e uma irmã – mas, coisa bem mais importante, o próprio despertar para a vida de uma consciência que sempre tiraria de si mesma, como, aliás, acontece com todos os grandes artistas, o que de mais fundo aparece na sua obra. Posto o seu preceptor alemão, ao referir-se aos seus três discípulos – os três irmãos Tolstói – dissesse, categórico: "Sérgio quer e pode; Dimítri quer mas não pode; e Leon, esse, nem quer nem pode", a verdade é que o jovem Leon, tímido, distraído, um pouco abúlico, mas extraordinariamente orgulhoso, desde muito cedo principiou a olhar para si mesmo e a ver-se no espelho da alma. *Eugênio Oneguine,* de Puchkine, *Um herói do nosso tempo* e *Taman,* de Lermontov, a *Viagem sentimental,* de Sterne, Rousseau e o Evangelho de São Mateus já eram leituras da sua preferência antes de entrar na Universidade. As mais remotas manifestações da sua consciência datam, por assim dizer, do berço, pois conta, num dos seus livros consagrados à história dos seus primeiros anos, lembrar-se dos seus próprios vagidos de criança e da mão que o esfregava na tina quando a ama lhe dava banho. Por volta, dos dez anos julgou-se com direito a voar. E para isso subiu a uma janela e lançou-se no espaço, o que lhe ia custando a vida. Na Universidade de Kazan, que freqüenta, é aluno medíocre, e aos vinte anos entrega-se ao

jogo e à devassidão, dando largas à ardência de um temperamento desperto a cada momento para a censura moral. Tendo conhecido o *Diário* de Franklin, devota-se a escrever um breviário pessoal, onde transparecem os protestos de uma alma que se sabe melhor do que a vida a revela. Nesse *Diário,* que o irá acompanhar toda a existência, registra, repetidamente, os protestos de uma regeneração que exprimem as preocupações morais de alguém que terá um dia o aperfeiçoamento pessoal por preocupação exclusiva. Subitamente, Leon Tolstói abandona os estudos e segue para o Cáucaso com o irmão Nicolau, que abraçara a carreira das armas. Principia, nessa altura, uma das experiências de mais importantes resultados na sua futura vida de escritor. Primeiro no Cáucaso, depois em Sebastopol, já então militar, em breve promovido a oficial, ei-lo que mostra valor como soldado e trava relações com a morte, a mais grave revelação da sua vida de adulto. Os seus primeiros escritos datam de 1852, ano em que conclui *Infância.* Enviado a uma revista de São Petersburgo, com as iniciais L. N., Nekrassov, o diretor d'*O Contemporâneo,* aceita o manuscrito, que é publicado anônimo. E seguem-se-lhe as histórias do Cáucaso, enquanto escreve o *Adolescente* e publica *Os dois hússares.* Abandonando o exército, viaja pela Europa, conhece Turguêniev e freqüenta a mulher que será para ele uma das mais benéficas influências da sua vida: Aleksandra Andreievna, a Aleksandrina da correspondência, parenta afastada, preceptora dos filhos da Grã-duquesa Maria, filha do Czar Nicolau. Só a diferença de idades – Alexandrina é muito mais velha que Leon Nikolaievitch – impede que o jovem escritor se apaixone por essa parenta instruída com quem se corresponderá a vida inteira. De regresso à Rússia, desgostoso com a civilização ocidental, casa com uma das filhas de um médico ilustre, o Dr. Bers, depois de um devaneio com uma jovem de quem se enamorara ocasionalmente. Tinha, então, trinta e quatro anos. Ia principiar a fase da sua vida literária propriamente dita.

Sofia Bers, agora Condessa Tolstói, é inteligente, instruída, bonita e voluntariosa. Os primeiros anos de noivado decorrem felizes. Sucessivamente vão nascendo os filhos, e o escritor vive patriarcalmente, não sem esquecer o problema dos servos, que por então preocupava a Rússia, onde, tempos antes fora promulgada a lei da emancipação. Montando uma escola em Iasnaia Poliana, que mantém com a sua bolsa, Tolstói espera incutir no povo a instrução e com ela o amor à perfeição moral. Com a revista *Iasnaia Poliana,* editada a expensas suas, imprime orientação às suas iniciativas pedagógicas. Porém os encargos são grandes e a economia do jovem casal, sobrecarregada com a liquidação de antigas dívidas de jogo do fogoso Tolstói, corre perigo. É suspensa a publicação da revista e abandonada a experiência pedagógica. Para acorrer aos encargos familiares, cada vez maiores, pois a família cresce,

envia a *O Contemporâneo* o manuscrito inacabado de *Os cossacos.* Como a sua pena pode suprir, em parte, os escassos rendimentos das terras e da lavoura, Tolstói pensa num assunto de fôlego. Quer escrever um livro em que realize as suas largas ambições de escritor nato e faça frente aos seus encargos financeiros. Muitos são os assuntos que lhe ocorrem. Tem vagar e sossego para conceber uma obra vasta, onde à vontade, exerça os seus poderosos dons. E o tema que se lhe apresenta é um verdadeiro fresco, uma autêntica epopéia moderna. Vai escrever a história do dezembrismo, trágica revolução que levou à Sibéria, inclusive um parente seu, do lado materno, deportado por mais de trinta anos. Parte, então, para Moscou, disposto a documentar-se a sério antes de se lançar ao trabalho, mas o projeto fica sem realização. Entretanto, continua *Os cossacos,* e escreve um dos seus contos magistrais: "O Cavalo", que depois se transforma na obra-prima que é *Kolstomier.* A idéia dos dezembristas persegue-o. Mas à volta de 1863 abandona-a definitivamente. Hostil a tudo quanto seja estrangeiro, deseja antes de mais nada escrever uma obra em que exalte os ideais eslavos e exprima a imensa angústia do povo russo. Afinal, conclui que os dezembristas eram quase todos franceses. Assim o diz numa carta a Alexandrina, a quem comunica as suas preocupações literárias. Abandonada a época de 1825, onde decorriam *Os dezembristas,* volta-se para 1810, o período da invasão napoleônica. Estava, definitivamente, estabelecido o plano da *Guerra e Paz.*

III

PRINCIPIADA EM 1863, a epopéia tolstoiana só em 1869 está inteiramente concluída e publicada. As suas duas primeiras partes vieram a lume em fevereiro de 1865 no *Mensageiro Russo.* Nesta revista aparece, entre 1865 e 1866, grande parte da obra. Assim que termina a primeira parte, a que então chama *O ano de 1805,* Tolstói procura colocá-la. Mas o êxito da publicação foi grande e em 1867 apareciam em volume os três primeiros tomos da obra, que teria seis tomos. Em 1869 publicava-se o livro. À medida que aparecem os vários tomos da epopéia, cresce o entusiasmo entre os leitores, e a crítica, na pena de alguns dos mais notáveis críticos da época, se faz restrições à obra, reconhece, largamente, os seus extraordinários méritos. V. Botkine escrevia por essa altura a respeito dos quatro primeiros tomos: "Há neles coisas insuportáveis e coisas espantosas, e estas coisas espantosas, as dominantes, são tão extraordinariamente belas que nunca entre nós se escreveu melhor, pode dizer-se, mesmo, que nunca entre nós se escreveu coisa mais bela". As opiniões dividem-se. Os militares consideram ridícula a parte guerreira da obra, e Ivan Turguêniev, ex-amigo do jovem Tolstói, com quem se indispusera por incompatibilidade de temperamentos, louva os predicados

artísticos do moço escritor, lamentando que se deixe tolher por doutrinas e preconceitos ideológicos que deformam a pureza da sua inspiração artística. Quando, em 1869, se conclui a publicação em volume, o crítico N. Strakov insere na revista *Zaria* quatro artigos que são a consagração definitiva do romance: "Um quadro completo da vida humana, um quadro completo da Rússia de então, da história e da luta dos povos, um quadro completo de tudo quanto constitui para o homem a sua felicidade e a sua grandeza, a sua desgraça e a sua abjeção, eis o que é *Guerra e* Paz".

Entretanto, Leon Tolstói publicava nos *Arquivos Russos* (março de 1868), um longo artigo intitulado "Algumas palavras a propósito da *Guerra e Paz"*, em que procurava justificar aspectos da sua obra visados pela crítica. Principiava por aludir a uma das suas feições menos ortodoxas no ponto de vista literário: o fato de a *Guerra e Paz* não poder ser considerada adentro da técnica do perfeito romance. "Que vem a ser a *Guerra e Paz?"*, interrogava o escritor. E respondia: "Não é um romance, um poema muito menos, e não é sequer uma crônica histórica. *Guerra e Paz* é o que o autor quis e pôde exprimir pela forma como o exprimiu". E alegava ser essa a tendência natural das grandes obras da literatura russa: Das *Almas mortas*, de Gogol, às *Recordações da casa dos mortos*, de Dostoiévski. "Não existe na nossa literatura qualquer obra em prosa que se eleve um pouco acima do normal que se haja submetido inteiramente à forma do romance, do poema ou da novela", sustentava.

A argumentação tinha fundamento. De fato, *Guerra e Paz*, tal como se mostrava uma vez concluída, não podia examinar-se à luz dos modelos ocidentais. Na sua composição entravam elementos assaz heteróclitos para que a pudéssemos colocar ao lado das obras-primas francesas do mesmo gênero: *Le Rouge et Noir* ou a *Madame Bovary*. A par das suas descrições objetivas da realidade e dos seus quadros compostos de acordo com a mais consagrada arte de escrever romances, deparavam-se-nos longas dissertações de caráter histórico-filosófico, em verdade inteiramente alheias ao tecido da ficção e na maior parte dos casos, diga-se a verdade, de uma prolixidade intolerável. O certo, porém, é que dois planos se desenvolviam autônomos: o plano do romance propriamente dito e o plano das considerações doutrinárias. Eis o que a crítica da época não viu com a devida clareza. Se porventura se expurgasse a *Guerra e Paz* das considerações que antecedem alguns dos seus capítulos e de toda a sua parte epilogal (o segundo epílogo), teríamos não só um perfeito romance, mas um dos mais perfeitos romances de toda a literatura universal. E tanto assim que *Guerra e Paz*, "nem romance, nem poema, nem novela", como dizia Leon Tolstói, é hoje considerado o mais alto documento da arte do romance que ainda se escreveu em qualquer literatura.

IV

HÁ QUE CONSIDERAR, realmente, em *Guerra e Paz* o romance propriamente dito e tudo o mais que diz respeito às idéias de Tolstói quanto à história e à infalibilidade desse *fatum*, que, segundo ele, no fim de contas, dirige e encaminha os povos. Não foram Napoleão, Alexandre I ou Kutuzov quem concebeu os acontecimentos históricos e deu consistência às circunstâncias político-militares que vieram determinar as duas campanhas em que se empenharam os exércitos russos e franceses: a de 1805 e a de 1812. Uma vontade superior à vontade dos homens, vontade que Leon Tolstói não define, mas coloca no absoluto, move o mundo e determina as ações dos povos.

Eis por que as grandes figuras históricas que comparecem em *Guerra e Paz*, conquanto pintadas com uma verdade impressionante, movendo-se, não o fazem senão em cumprimento de uma transcendente deliberação – essa mesma deliberação que foge ao controle dos historiadores e é por assim dizer o livre arbítrio da própria história. Em Kutuzov, o general de Alexandre I que recebe o encargo de comandar as forças russas após a invasão do território pelos exércitos napoleônicos, simboliza Tolstói essa mesma vontade. Dormente, a maior parte das vezes alheio aos assuntos que se discutem nos conselhos de guerra, o general-em-chefe dos exércitos russos não precisa, sequer, dos dois olhos para conduzir a campanha que há de libertar finalmente a pátria das mãos dos bandoleiros franceses: por ele fala o imperativo da História, nele se realiza o destino quase sagrado do povo russo. E o certo é que, opondo-se à opinião de São Petersburgo e resistindo à pressão dos generais, a maior parte deles alemães, Kutuzov, quase inconscientemente, como se fosse o porta-voz mediúnico do seu próprio povo, assiste, passivo, à derrota diante de Napoleão, limitando-se a recuar perante as forças vitoriosas e a perseguir depois os seus soldados em debandada, poupando, quanto pode, os seus próprios homens. Dir-se-a que não é ele quem comanda os seus exércitos, mas essa mesma misteriosa vontade transcendente que em 1812 determina que sejam os russos os justiceiros do monstruoso poder militar de Napoleão Bonaparte.

Podia Tolstói não ter dito uma palavra de caráter doutrinário acerca desta concepção da História, que todos nós, seus leitores, compreenderíamos, através da pura narração dos fatos, ou da mera ação do romance, ser essa a sua idéia fundamental. E isto apenas quer dizer que *Guerra e Paz*, sem querer ser isto ou aquilo, é, em verdade, um verdadeiro romance. São supérfluas, ridículas e perfeitamente dispensáveis todas as considerações que se façam acerca da natureza de uma obra de ficção que apenas viola as leis da arte em que se integra pelo fato de dizer alguma coisa mais do que seria preciso como obra de ficção.

Eis o que acontece às críticas feitas e a fazer a este extraordinário livro. Não tendo Leon Tolstói qualquer idéia preconcebida do que seria a sua obra – romance, poema ou novela – o certo é que tudo quanto nela é válido o concebeu e realizou em termos perfeitamente novelísticos. Se num romance o essencial se exprime em termos discursivos ou filosóficos, está condenada para sempre a sua natureza intrínseca de literatura romanesca; mas se porventura esse essencial dispensa as considerações adjacentes, então não lhe podemos negar a qualidade fundamental. Lamentando que Tolstói tenha sobrecarregado a sua *Guerra e Paz* de tanta coisa adicional, em verdade dispensável, não pode a crítica acusá-lo de não ter sabido resolver como romancista o objetivo que se impusera: fazer viver objetivamente fatos e figuras, famílias e instituições, povos e exércitos, princípios e crenças, paixões e virtudes, num quadro susceptível de persuadir o leitor de que está assistindo ao desenrolar da própria vida.

V

O TÍTULO É DE UMA simplicidade impressionante. Dois substantivos: "Paz" e "Guerra" se defrontam nele. E como toda a vida humana, quer a vida dos povos quer a vida dos homens individualmente, se pode sintetizar nesses dois estados antagônicos, eis o que o título da obra-prima do grande escritor russo abrange, ao mesmo tempo, um fenômeno histórico – a invasão da Rússia pelos exércitos napoleônicos – e um fenômeno humano – o movimento pendular de toda a existência sobre a Terra. Se os povos conhecem a paz e conhecem a guerra, também os homens, adentro das suas famílias e adentro de si próprios, vivem ora de uma maneira ora de outra.

Não procurou Leon Tolstói simplificar os dados do problema e, reduzindo as proporções do redondel social, encontrar, adentro de uma só família ou adentro de uma só consciência, os termos em que se debate tudo que é humano. Pelo contrário: retomando os princípios da epopéia clássica (a *Ilíada,* aliás, foi uma das leituras prediletas de Tolstói logo que aprendeu grego, estudo que levou a cabo homem feito), quis pintar a paz e a guerra na expressão mais vasta dos seus efeitos. E assim se, por um lado, escolheu para assunto da sua obra uma época capital da história da Rússia, pelo outro julgou de seu dever introduzir no quadro epopéico do povo russo a pintura da sociedade que ele mais de perto conhecia e em que, de fato, se concretizavam, por então, as virtudes e os defeitos duma sociedade que só era civilizada na camada aristocrática. Conquanto o povo se lhe antolhe a célula viva da sociedade russa, e Platão Karataiev, o companheiro de prisão de Pedro Bezukov, seja, por assim dizer, a mais bela figura moral de todo o romance, Tolstói escolhe as suas personagens

entre as pessoas de um meio que, se não era o mais exemplar da Rússia de então, era, pelo menos, o que lhe permitia levar mais fundo e mais longe a análise da vida humana no seu transcurso entre a paz e a guerra.

VI

DUAS FAMÍLIAS tipicamente russas exprimem em *Guerra e Paz* posições que podemos considerar representativas da sociedade de então; de um lado, a família Rostov, do outro, a família Bolkonski. E se Pedro Bezukov é filho natural de um grande proprietário russo, o Conde Bezukov, é porque Tolstói quis conferir-lhe características de algum modo desintegradas da mentalidade mais tipicamente russa. Educado no estrangeiro, só depois da morte do pai é legitimado e entra, de direito, na sociedade que até aí o olhara com desconfiança. Enquanto, porém, os Rostov se arruínam, arrastados pelas negligências de um chefe de família tão bondoso quanto ingênuo, os Bolkonski, educados na mais estrita tradição patriarcal russa, vêem-se sacudidos por conflitos e problemas que, se não abalam a sua fortuna e a sua posição, desarticulam, definitivamente, as premissas em que assentavam os seus alicerces. O Príncipe André morre dos ferimentos recebidos no campo de batalha e Natacha, a mulher que o amara e o traíra, desposa, finalmente, o seu maior amigo, espécie de árbitro dos tempos futuros que na obra encarna tudo quanto havia de idealista e de quimérico na própria personalidade do escritor.

Inútil, no entanto, procurar uma simbologia muito definida nesta luta que desagrega as famílias Rostov e Bolkonski. Se há idéias gerais no romance, essas idéias gerais vão exemplificar-se na parte histórica. Na parte humana assistimos, antes de mais nada, ao desenrolar despremeditado de existências que só dependem de duas coisas: da vida e da morte. E é aí que o pensamento de Tolstói se exerce em toda a sua profunda complexidade. Se a História obedece a uma vontade ou a vontades subjacentes à vontade dos homens, a vida humana, essa, desenrola-se unicamente na linha reta que vai do berço à cova. Entre aquele e esta se inscrevem as paixões e se exercem os sentimentos que permitem ao homem ser homem antes de chegar ao reconhecimento de que há uma coisa mais importante que a vida: a própria morte.

Este é, em verdade, o problema fundamental de toda a obra tolstoiana. E em *Guerra e Paz* cabe ao Príncipe André Bolkonski vivê-lo nas suas premissas místicas. Tendo-se desdobrado nas duas principais figuras do seu romance – Pedro Bezukov e André Bolkonski – ao primeiro confia Tolstói tudo quanto nele diz respeito a esperanças e conjeturas de ordem intelectual. O idealista que ele foi, com projeção na vida russa e até na vida universal, criando essa espécie de religião da

Humanidade que foi o tolstoísmo, Pedro o exemplifica.

Compreendendo intelectualmente muita coisa, essa compreensão intelectual que o leva a procurar na franco-maçonaria e depois na sociedade política que se prepara no epílogo do romance, soluções não só para a sua inquietação moral mas para os problemas da sua pátria, não compreende, no entanto, a posição ascética do Príncipe André, que este, encarnando o lado místico do próprio romancista, aceita que o homem está no mundo para conhecer uma única verdade: a verdade da morte. E assim na agonia desta admirável figura encontramos a exemplificação do problema que no fim de contas constituiu a filosofia essencial de toda obra tolstoiana. Perante a morte, recebe o homem a lição suprema da vida. Uma vez na posse desta lição-chave, desvanece-se por completo o castelo de cartas sobre que se edificaram os valores que lhe assistem no mundo. Ao trazerem-lhe junto do seu leito de morte o próprio filho, o Príncipe André sorri, sorri para a irmã, por que compreendeu que ela lhe quisera proporcionar aquela despedida em cumprimento de um ritual que é dos vivos, mas não dos mortos. Para estes, família, amor, filhos, irmãos, tudo quanto faz parte do mundo, tudo quanto está para cá da morte, já lhes não interessa, nada significa.

VII

SENDO ESTE O problema capital da filosofia tolstoiana, e por assim dizer o tema central de toda a sua obra de artista, não é este, no entanto, o tema dominante de *Guerra* e Paz. Tão vasta, tão rica, tão complexa, tão perto da realidade multiforme da vida quis Tolstói a sua grande obra que no seu primeiro epílogo nos convoca, outra vez, para a ação do romance, e nos entremostra, de algum modo, como todas as suas personagens, agora associadas de maneira diferente – casadas umas, outras viúvas, velhas estas, aquelas na primeira juventude – se preparam para continuar a viver até que a morte, por sua vez, ponha ponto final nas suas vidas. Eis uma das mais curiosas características de *Guerra* e Paz, romance tão completo e tão íntegro que por assim dizer não acaba: perpetua-se nas vidas que continuarão depois de o leitor voltar à última página da obra.

Este milagre é fruto de um engenho extraordinário. E Tolstói não mais repetiria o que realizou em *Guerra e Paz.* Dentro de pouco, a sua existência transforma-se. Lentamente, vai renegando tudo quanto na mocidade constituíra o fulcro do seu gênio de escritor: esse amor à vida, produto da espontânea força que animava as células do seu corpo robusto, impetuoso e sensual. E então principia a fase derradeira da sua existência, o longo, penoso e angustioso drama do homem que depois de ter amado a vida e a arte com todo o calor do seu fogoso coração, quer obrigar o homem a renunciar ao irresistível desejo de se perpetuar pelo amor, pela

arte ou por qualquer dessas formas temporais em que a vida, afinal, teima em ser maior do que a morte.

VIII

ESTAMOS EM 1872. Tolstói propunha escrever um romance sobre a época de Pedro o Grande. Mas trabalhava penosamente. Em abril desse ano leva uma noite inteira a olhar para as estrelas. A angústia perturba a sua felicidade de homem e de escritor. Que fazemos no mundo? Qual o destino do homem? De onde vimos e para onde vamos? Todas estas interrogações o perturbam. E acima de tudo o desgosta o sentimento de que não cumpre os seus deveres para com os demais. Não é só a angústia da salvação pessoal que o aflige. Mas a angústia que resulta de se sentir responsável para com o semelhante. Entretanto uma jovem, amiga de um vizinho seu, atira-se para debaixo do comboio numa estação não muito afastada de Iasnaia Poliana e Tolstói vai ver o cadáver esquartejado. Para a revista *A Aurora* escreve nessa altura o conto intitulado "O prisioneiro do Cáucaso". Chegamos a 1873. A leitura de uns fragmentos de Puchkine inspira-lhe o princípio de um romance. Começa a escrever a *Ana Karenina.* E estamos chegados ao período crítico da carreira do escritor. Esta obra é por assim dizer a última que concebe de um ponto de vista puramente artístico. Ia já muito adiantada a sua crise religiosa, que não tardaria a converter-se em crise moral. No entanto Ana *Karenina*, que Tolstói leva ao fim com repugnância, é o seu romance mais importante depois de *Guerra e Paz.* Quando fechamos este livro sentimo-nos atordoados pela potencialidade de vida que dele transborda, embora saibamos que o escritor o levou a cabo no meio da maior náusea, considerando "vulgar" e mesquinhos tudo quanto figura nas suas páginas extraordinárias.

Posto concluída com relutância e desde logo renegada, a história de Ana Arkadievna não nos permite dizer onde se encontram nas suas páginas os sinais do desgosto e da náusea com que foi levada a cabo. E nisso vai grande parte desse misterioso poder que conferiu a Leon Tolstói prerrogativas únicas de criador de vida. Num escritor que fosse antes de mais nada "artista" – artista como se concebe um Flaubert ou um Eça de Queirós – por certo se teria conhecido a linha de delimitação entre o *entusiasmo* e a *fadiga*. A linha de demarcação entre o entusiasmo e a náusea num escritor artista antes de mais nada pode encontrar-se claramente definida nas suas obras, desde que tentemos estudá-las do ponto de vista da realização. O entusiasmo gera o apuro o aperfeiçoamento; a náusea dá lugar ao desleixo e à improvisação.

Sendo como é o romance de uma mulher vítima da paixão que as circunstâncias sociais tornam insustentável, *Ana Karenina* não é

propriamente um libelo seja contra o que for. Em vésperas de escrever *A sonata a Kreutzer*, que essa obra, sim, é um libelo contra o casamento, Tolstói permitia-se contar-nos a história de Ana Arkadievna e de Vronski sem erguer a voz em sinal de protesto contra aquilo que à primeira vista parece a causa do descalabro de uma felicidade erguida sobre as ruínas de um casamento legal. O romancista não acusa nada nem incrimina ninguém. E é este o lado verdadeiramente impressionante do romance escrito à beira da conversão. Paralelamente ao drama de Ana Arkadievna e de Vronski, assistimos na obra ao noivado de Levine e de Kitty. E, sem que para isso sejamos instigados, somos nós próprios, não o romancista, quem tudo faz para aproximar as duas situações diametralmente opostas, embora de maneira alguma desigualmente valorizadas. Também Levine, casando com a mulher que escolhera e a quem amava apaixonadamente, reconhece que o casamento não é o idílio com que sonhara. Nas últimas páginas do romance vamos encontrá-lo debruçado em uma varanda, em plena noite, de olhos fitos nas estrelas, à procura de uma explicação para o problema que o atormenta e em que mergulha sem sequer poder vivê-lo em comunhão com a mulher amada. Tolstói apresenta-nos o casal feliz realizando a felicidade numa disjunção espiritual que se nos afigura por assim dizer indispensável à permanência do matrimônio. E é isto mesmo que em parte concorre para o atordoamento da "muita" vida com que saímos da leitura de Ana Karenina. Em geral o leitor conta com a colaboração paternal do romancista. É este quem lhe permite fechar o romance com algumas certezas sobre a vida. Tolstói não condena. Ana Karenina. É a própria Ana Karenina quem se condena a si mesma. E não porque chegasse a arrepender-se dos sentimentos que a compeliram a seguir um destino onde apenas era conhecida a lei do coração. O trágico fim da desventurada Ana Arkadievna é apenas a conseqüência fatal de uma situação que a própria vida torna insustentável sempre que os homens conferem ao amor o prestígio de um absoluto. O único amparo moral que o romancista da *Ana Karenina* proporciona ao seu leitor, fechada que seja a última página desse livro extraordinário, é este mesmo: ai dos homens que apenas se alimentam de manjares terrenos! Se todos carecemos de absolutos para superar as pequenezas de uma existência que não pode ser encarada como um fim em si própria, há que buscá-los fora das próprias condições da vida. O absoluto do amor mata mais depressa do que salva. Só um absoluto permite a relativa felicidade do homem até mesmo onde ele supunha encontrar a felicidade absoluta: a fé. É a fé que no fim de contas salva Levine e o seu casamento com Kitty afinal tão ameaçado, tão periclitante, tão melindroso como a união livre de Vronski e Ana Arkadievna. Se aquele se salva e esta se perde é apenas porque enquanto Levine encontrou uma explicação religiosa para um destino que nem o próprio amor explica, Ana Arkadievna não se deu a procurá-la fora

de si, fora do seu amor, fora dessa realização impossível na vida. A única resposta para um amor como o da trágica heroína de Leon Tolstói estava nas páginas desse livro misterioso que ela via em sonhos e só pôde ler no momento em que se atirou para debaixo do comboio de mercadorias. Quer dizer: na morte residia a solução do seu problema insolúvel. Segundo Tolstói o amor mata, e só Deus deixa viver.

Mais uma vez Leon Tolstói escrevia uma história que respondia não só a preocupações morais de momento, mas que era como que o amadurecimento vagaroso de uma idéia ou de uma impressão revolvida no subconsciente. Afinal a história de Ana Arkadievna, a mulher que se suicida debaixo de um comboio, era o desenvolvimento de *fait-divers* a que o romancista assistira quando, na estação vizinha de Iasnaia Poliana, observara o cadáver esquartejado da amiga do seu vizinho. Aliás o mesmo acontecera com *A sonata a Kreutzer*, a obra que escreve em seguida, e é já o produto de uma decidida revolução nas idéias morais do escritor, e até mesmo com a própria *Ressurreição*. Acabara-se a idade feliz do artista: ia principiar a fase derradeira de uma vocação que renegava as mais altas virtudes do próprio gênio. O artista Tolstói morre com a *Ana Karenina*, embora depois desta obra ainda escreva uma novela artisticamente tão perfeita como *A morte de Ivan Ilitch*. É, no entanto, com a *Ressurreição*, o grande documento evangélico da fase doutrinária, que o grande escritor diz adeus às suas glórias de artista, completamente entregue à pregação do seu evangelho moral. No livro *A minha religião* anunciaria dentro de pouco os preceitos desse catecismo rapidamente adotados quer na Rússia quer no estrangeiro: “Não te encolerizes. – Não pratiques o adultério. – Não prestes juramento. – Não resistas ao mal praticando o mal. – Não sejas inimigo de ninguém. – Ama a Deus e ao próximo como a ti próprio.” Grande foi a repercussão desse Evangelho modelado sobre o de Cristo. E quando a 28 de outubro de 1910 Tolstói deixa para sempre o lar é porque sente que não pode morrer descansado sem pôr em prática a doutrina que ensinava aos outros e que os seus numerosos discípulos cumpriam muito mais escrupulosamente do que ele próprio. Após quarenta e oito anos de vida matrimonial, ei-lo disposto a aceitar o libelo da morte. É a morte, no fim de contas, que o reconcilia com o seu Evangelho moral. Paz à sua alma, glória ao seu gênio. Por muito que admiremos os preceitos do seu catecismo, a verdade é esta, que Tolstói legava aos vivos alguma coisa mais valiosa que a sua angústia moral: legava-lhes a sua obra de artista. Sem ela o moralista há muito teria morrido definitivamente. Se a morte, para Tolstói, era mais importante do que a vida, alguma coisa vale mais que a vida e a morte: esse poder miraculoso de perpetuar a angústia humana, no fim de contas a suprema virtude do gênio tolstoiano.

CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA

1828 – *28 de agosto* – Nasce Leon Nikolaevitch Tolstói em terras de Iasnaia Poliana, província de Tula.

1833 – O pequeno Tolstói é confiado ao preceptor dos irmãos, Th. Russel.

1837 – *10 de janeiro* – A família Tolstói deixa Iasnaia Poliana e instala-se em Moscou.

1840 – *12 de janeiro* – Primeiro escrito de Tolstói: saudação em verso em homenagem a uma das suas tias.

1844 – *22 de agosto* – Nasce em Moscou Sofia Andreievna Bers, filha de um médico da corte e futura esposa de Tolstói.

1849 – *fevereiro* – Parte para Petersburgo, onde pensa fazer os seus estudos, mas, obrigado a pagar uma dívida de jogo, passa o verão em Iasnaia Poliana e funda nessa propriedade uma escola para os filhos dos mujiques.

1852 – *janeiro* – Depois de um exame 6 admitido como sargento de artilharia. Participa em virias incursões contra as populações indígenas e escreve *Infância*, não para publicar, mas apenas para se exercitar como escritor.

Julho – Carta ao redator d'*O Contemporâneo,* a quem envia o texto de *Infância.*

20 de julho – Nekrassov anuncia-lhe que a *Infância* será publicada n'*O Contemporâneo.*

6 de agosto – N'*O Contemporâneo,* aparece a *Narrativa da minha infância.*

1853 – *maio* – Tolstói principia a escrever *Adolescência.*

1854 – *12 de janeiro* – É integrado no exército ativo; decide regressar à Rússia.

Outubro – Pede que seja enviado para Sebastopol, "para ver a guerra, para se libertar do estado-maior... e por patriotismo."

7 *de novembro* – Chega a Sebastopol.

1855 – *20 de março* – Pensa reunir as suas impressões de Sebastopol numa narrativa para *O Contemporâneo.*

Junho – Grande êxito das *Narrativas de Sebastopol.*

Julho – Escreve *Juventude.*

27 de agosto – Toma parte na defesa de Sebastopol.

Novembro – parte para São Petersburgo. Através de Turguêniev, conhece Nekrassov e grande número de escritores.

1856 – *30 de setembro* – Pede que seja passado à reserva.

26 de novembro – Passa à reserva.

1857 – *29 de janeiro* – Parte para o estrangeiro.

25 de março – Assiste em Paris a uma execução capital que

profundamente o impressiona.

26 de março – Abandona Paris. Segue para Genebra onde visita sua tia Aleksandra Andreievna Tolstói, depois sua grande amiga.

8 de agosto – Está de regresso a Iasnaia Poliana.

1859 – *fevereiro* – Trabalha na *Felicidade conjugal.*

1862 – *23 de setembro* – Casa-se Tolstói com Sofia Bers na Igreja do Nascimento da Virgem no Kremlin e partem para Iasnaia Poliana.

1863 – *28 de junho* – Nasce-lhe o primeiro filho, Sérgio.

Setembro-outubro – Tolstói está inteiramente mergulhado na composição de um romance sobre os anos de 1810-1820.

1864 – *agosto-setembro* – Caça, cai do cavalo e parte um braço.

Dezembro – Em carta à mulher, anuncia-lhe ter escrito os primeiros capítulos do seu romance *O ano de 1805.*

1865 – *janeiro-fevereiro* – Trabalha no seu romance. Aparecem os primeiros capítulos no *Mensageiro Russo.*

1866 – *janeiro* – A família Tolstói instala-se em Moscou.

1867 – *novembro* – Inteiramente absorvido pela composição de *Guerra e Paz.*

17 de dezembro – Aparecem os primeiros livros da *Guerra e Paz.* Êxito imenso.

1869 – *dezembro* – Aparece o sexto livro da *Guerra e Paz.*

1870 – *23 de fevereiro* – Pensa pela primeira vez no tema da *Ana Karenina.*

1873 – *18-19 de março* – Primeiro esboço de *Ana Karenina.*

Maio – Está concluído o rascunho do romance.

1875 – *janeiro* – Aparecem no *Mensageiro Russo* os catorze primeiros capítulos da primeira parte de *Ana Karenina.*

1877 – *fevereiro-março* – É publicada a sétima parte da *Ana Karenina* no *Mensageiro Russo.* Straskov escreve a Tolstói comunicando-lhe que o romance "teve um êxito louco: incrível."

Fins de março-abril – Tolstói queima, sem lê-los, os artigos críticos de elogio a *Ana Karenina,* que Strakov lhe enviara.

1878 – *janeiro* – Aparece *Ana Karenina* em edição autônoma.

1881 – *20 de janeiro* – Sofia Tolstói, em carta à irmã, diz que o marido "já não se interessa seja por que for de temporal".

18 de abril – Primeiras referências no *Diário* de Tolstói a desinteligências entre ele e a família, que nessa altura já contava vários filhos e filhas.

10 de junho – Vai em peregrinação, a pé, ao ermitério de Optina Pustine.

1882 – *fevereiro* – Tolstói recusa-se a proferir o elogio de Alexandre II num concerto de caridade.

1883 – *abril* – Um grande incêndio destrói duas casas na aldeia de

Iasnaia Poliana e Tolstói participa no salvamento dos bens dos sinistrados. Trabalha este ano em *A morte de Ivan Ilitch* e *Qual* é *a minha fé.*

1884 – *18 de fevereiro* – A censura manda apreender na tipografia todos os exemplares de *Qual é a minha fé.* O livro é espalhado em manuscrito.

1885 – *janeiro* – Publica-se em Paris a tradução de *Qual* é *a minha fé,* revista por Tolstói e sob o título de *A minha religião.*

1887 – *outubro* – Redação da primeira versão de *A sonata a Kreutzer.*

Dezembro – Tolstói funda uma liga contra a embriaguez.

1888 – *29 de janeiro* – Primeira representação, no Teatro Livre de Paris, de *O poder das trevas,* de Tolstói.

1889 – *26 de dezembro* – Principia a escrever a *Ressurreição.*

1890 – *10 de março* – Proibido de figurar nas *Obras completas de Tolstói* o texto de *A sonata a Kreutzer.*

1891 – *julho* – Ao saber que o marido endereçara uma carta aos jornais declarando que renuncia aos direitos sobre as suas últimas obras, Sofia Tolstói tenta suicidar-se.

Setembro – Tolstói envia uma carta ao redator do *Notícias Russas* declarando que renuncia aos seus direitos de autor sobre as obras originais e traduções posteriores a 1881.

1893 – *fevereiro* – Tolstói dá os últimos retoques ao seu manuscrito *O reino de deus está em nós,* no qual trabalhava havia dois anos.

1895 – *fevereiro* – Envia *Amo e servo* ao *Mensageiro Russo.*

1897 – *março* – Trabalha em *Hadji Murat.*

11 de agosto – O criminalogista Lombroso visita Tolstói. A vida de família torna-se cada vez mais insuportável. Tolstói pensa muitas vezes deixar a mulher.

4 de dezembro – Continua a trabalhar no *Hadji Murat* e em *Que é a arte?,* tendo principiado a escrever a peça *O cadáver vivo.*

1898 – *setembro* – Visita à prisão de Orol, documentando-se para a *Ressurreição.*

Outubro-novembro – Combina com o editor Mars a publicação da *Ressurreição* na revista *Niva.* No decurso desses dois meses envia-lhe os setenta primeiros capítulos da obra.

1899 – *27 de agosto* – Recebe a visita de Rainer Maria Rilke.

25 de dezembro – Aparece na revista *Niva* o final da *Ressurreição.*

1900 – *janeiro* – Recebe a visita de Gorki, que escreve sobre Tolstói: “Agradou-me; é um verdadeiro homem do povo”.

1901 – *24 de fevereiro* – É anunciada a excomunhão de Tolstói. A

25 e 26 realizam-se manifestações nas ruas de Moscou em honra de Tolstói a propósito da excomunhão.

1904 – *25 de janeiro* – A Condessa Tolstói faz homologar, perante o notário, a procuração que o marido lhe passara para administrar os seus bens.

1904 – *21 de março* – Morre Aleksandra Tolstói, tia e grande amiga do escritor.

1908 – *janeiro* – Tolstói recebe, de presente, oferta de Thomas Edison, um fonógrafo para ditar a sua correspondência.

28 de agosto – Por ocasião do seu octogésimo aniversário, recebe cartas e telegramas de felicitações de toda a parte do mundo.

1909 – *julho* – Disputa entre Tolstói e a mulher por causa dos direitos de autor a que aquele quer renunciar. Uma vez mais pensa em abandonar a família.

18 de setembro – Tolstói redige um testamento em que pede que depois da sua morte as suas obras não sejam pertença de ninguém e que os seus manuscritos sejam entregues ao seu amigo e discípulo Tchertkov.

19 de setembro – Sai de Moscou para Iasnaia Poliana. Na estação é aclamado por uma multidão imensa. No caminho é vítima de uma síncope.

1910 – *17 de fevereiro* – Tolstói recebe uma carta de um estudante de Kiev aconselhando-o a deixar Iasnaia Poliana, a renunciar ao título de conde, a distribuir os seus bens e a ir pedir de porta em porta. Tolstói responde-lhe que é esse o "sonho que nutre em segredo". "Não se passa um só dia em que eu não pense seguir o seu conselho."

25 de junho – A Condessa Tolstói simula envenenar-se.

15 de julho – Novo simulacro de envenenamento da Condessa Tolstói, que exige do marido a entrega de todos os seus *Diários*, parte dos quais foram confiados a Tchertkov.

17 de outubro – Tolstói escreve no seu *Diário*: "Não oponho resistência à morte que se aproxima."

27 de outubro – Último passeio a cavalo.

Noite de 27 para 28 de outubro – Visita noturna da mulher, que vem ler, às escondidas, os papéis do marido. Tolstói toma a resolução definitiva de sair de casa. Às quatro horas da manhã escreve uma carta à mulher, despedindo-se dela. Às seis, parte para com o Dr. Makovitzki para a estação de Chtchekino. Ali toma o comboio para o ermitério de Optina Pustine. Entretanto a filha Aleksandra anuncia à mãe a partida do marido. A condessa vai lançar-se no tanque da propriedade de Iasnaia Poliana, mas é dali retirada pelos filhos.

Noite de 30 para 31 de outubro – No receio de ser perseguido pela família, escreve à mulher e deixa o mosteiro de

Chamardino, onde se abrigara, entretanto, junto de sua irmã Maria. No caminho é acometido de um acesso de febre e apeia-se com os seus companheiros de viagem (Makovitzki e a filha Aleksandra, que viera juntar-se a ele) na pequenina estação de Astapovo.

3 de novembro – A Condessa Tolstói chega a Astapovo, mas ocultam ao marido a presença dela ali.

4 para 5 de novembro – Tolstói delira, meio inconsciente. Às cinco horas da manhã deixam que Sofia Tolstói se apresente ao pé do marido, que perdeu os sentidos.

7 de novembro, às 6h5m. – Morte de Tolstói.